

AUTISMO E COMUNICAÇÃO FACILITADA: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR PARA O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Fabiana Schondorfer Braz (1)

*Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades – Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação
Joaquim Nabuco. E-mail: fabiana.schondorfer@gmail.com*

Emmanuelle Christine Chaves (1) e (4)

*Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades – Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação
Joaquim Nabuco. E-mail: ecchaves@hotmail.com*

Resumo

Este estudo consiste na análise de um relato de experiência no qual uma das autoras atuou como professora particular de um estudante de dezessete anos diagnosticado com autismo severo e não oralizado, durante o período de um ano e três meses, entre setembro de 2015 a dezembro de 2016. No contexto educativo específico do jovem, tanto a comunicação como o processo de ensino e aprendizagem, eram mediados por um instrumento de comunicação alternativa, e ainda pouco explorado no Brasil, a Comunicação Facilitada. A partir de um recente contato da autora com a temática da transdisciplinaridade e de discussões atuais na literatura acerca de suas relações com dilemas da educação na contemporaneidade, surgiu o interesse em analisar o processo educativo experienciado à luz de conceitos ligados a transdisciplinaridade e a complexidade. Para a elaboração do trabalho que se segue, foram recuperados relatos escritos produzidos durante a experiência, e revisitadas memórias de vivências e diálogos com a família e demais profissionais que atuavam junto ao jovem. Em seguida, foi feito um apanhado bibliográfico visando fundamentar teoricamente os temas a serem trabalhados. Dos resultados obtidos enfatizamos o quanto a inserção da técnica na vida do jovem propiciou uma quebra de barreiras no que se refere às principais características do espectro autista, no que tange ao comprometimento na interação social, comportamento e comunicação, sendo possível perceber também a importância da integração entre todas as esferas que circundavam o estudante para que houvesse um sucesso no seu desenvolvimento escolar, social e pessoal. Finalmente, atentamos para os paralelos entre a experiência relatada e os conceitos de abordagem transdisciplinar, complexidade e sujeito multidimensional, e destacamos o exemplo do relato em questão como uma experiência exitosa que reforça a emergência de práticas educativas com olhares transdisciplinares em contextos educacionais formais e não formais.

Palavras-chave: Autismo, Comunicação Facilitada, Educação, Transdisciplinaridade.

1. Introdução:

No presente estudo, buscamos fazer uma análise de um relato de experiência de uma das autoras como professora particular de um estudante autista e não oralizado durante o período de setembro de 2015 a dezembro de 2016, cuja técnica específica utilizada em sua comunicação é posta como protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem, bem como da importância de tal técnica, a Comunicação Facilitada – que inclui a atuação de um facilitador dando o suporte necessário para o estudante utilizar um dispositivo de comunicação para responder questões e expressar seu pensamento

(AGUIAR; CARVALHO; MORAIS; ORSATI, 2012) - na quebra de barreiras sociais e educacionais comumente atreladas a estudantes com diagnóstico do espectro autista à luz de bibliografia acerca da transdisciplinaridade e de atuais discussões sobre a mesma e a educação.

Nesse sentido, há um recente movimento em pesquisas que destaca a necessidade de considerar a relevância na relação entre educação e autismo como um tema transdisciplinar, argumentando-se que a postura disciplinar não é suficiente no trato do transtorno. Sob tal conjuntura, pode-se destacar essa emergência, em primeiro lugar, pela questão da complexidade do próprio transtorno, que envolve múltiplas etiologias e causalidade, bem como de manifestações diversas nos indivíduos. Em segundo lugar, pelo acompanhamento da criança com autismo que pede por uma equipe multidisciplinar, com o objetivo de tratar o transtorno de forma não dicotômica, e a partir de diversos olhares sobre seu desenvolvimento. E, finalmente, pela emergência em se discutir uma abordagem na educação de sujeitos como seres multidimensionais, principalmente em se tratando de educação inclusiva.

De acordo com Nicolescu (2000), a transdisciplinaridade é aquilo que transcende as disciplinas, que está entre, através e além das disciplinas. Ela teria por finalidade a compreensão do mundo presente, impossível de ser inscrita na pesquisa disciplinar. Nesse contexto, os três pilares da transdisciplinaridade seriam: níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade. No que refere principalmente a esse estudo, iremos nos deter no pilar da complexidade, e no que tange a transdisciplinaridade em linhas gerais, trabalharemos com os conceitos de abordagem transdisciplinar e sujeito multidimensional tendo como pano de fundo o processo de ensino e aprendizagem do estudante em questão.

2. Fundamentação Teórica:

2.1 Autismo:

Os estudos científicos a respeito do autismo foram iniciados oficialmente em 1943, pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner. No ano de 1943 publicou o texto: “*Alterações autistas do contato afetivo*”, que descrevia as crianças por ele estudadas. As principais características desse grupo eram: incapacidade de estabelecer relações, conjunto de atrasos e alterações na linguagem, obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada de tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. Atualmente, o autismo é considerado como um desenvolvimento alterado em três domínios: interações sociais, comunicação e comportamento repetitivo. No que se refere aos prejuízos na interação social, pode-se apresentar uma série de comportamentos, que incluem evitar o

contato visual direto, não responder quando chamado, não participar de atividades em grupos, não tomar consciência dos outros, mostrar indiferença a afeições ou afeição inapropriada e ausência de empatia social ou emocional (TUCHMAN; RAPIN, 2009). E, no que tange ao atraso e dificuldade na aquisição da linguagem, *“observa-se relação direta entre as dificuldades comunicativas e a ocorrência de comportamentos destrutivos e autolesivos que se devem, em parte, à impossibilidade de comunicar necessidades e desejos.”* (SCHWARTZMAN; ARAÚJO, 2011, p.244).

O transtorno costuma ser acompanhado de numerosas outras manifestações inespecíficas, como a dificuldade na atividade motora global, motricidade fina, planejamento, atenção, fobias, perturbações do sono ou da alimentação, crises de agressividade. Outras características também são percebidas na maioria das crianças diagnosticadas, dentre elas a aversão a mudanças de rotina e simpatia da brincadeira com coisas que não tem como mudar, além da demonstração de medo ou de fortes reações a ruídos e objetos em movimento, demonstra que *“o senso de previsibilidade e controle sobre as situações facilita a adaptação e aprendizagem de indivíduos com autismo e tem implicações para intervenções.”* (BAPTISTA; BOSA, 2012, p.24).

Mas apesar de todos esses possíveis comportamentos e particularidades, é importante lembrarmos que a pessoa autista, é um indivíduo singular, e, portanto, exclusivo enquanto ser humano. E apesar de apresentar características específicas no que se referem ao transtorno, suas aparições comportamentais diferenciam-se segundo seu nível linguístico e simbólico, quociente intelectual, temperamento, histórico de vida, ambiente, e condições clínicas, assim como todos nós (ORRÚ, 2012).

De acordo com Schwartzman e Araújo (2011), os quadros sintomáticos no TEA são heterogêneos, pois as características do transtorno se apresentam em diferentes graus em cada indivíduo. Nesse contexto, o grau de comprometimento na comunicação também é variável. Os quadros variam de indivíduos que não falam absolutamente, aos que tem a fala preservada, mas com algumas dificuldades. O fato é que entre 20% e 30% de indivíduos com autismo não desenvolvem linguagem verbal.

No que diz respeito à questão da linguagem verbal dos indivíduos com autismo diversas metodologias de comunicação alternativa vêm se destacando para contribuir e facilitar no processo comunicacional dos mesmos com outras pessoas, em diferentes contextos. A Comunicação Facilitada é uma delas e será abordada no próximo subitem.

2.2. Comunicação Facilitada:

Em meio às dificuldades de comunicação atribuídas a pessoas diagnosticadas com autismo, faz-se necessário pensar em metodologias alternativas de comunicação que pudessem suprir as necessidades desses sujeitos. Sob tal conjuntura, surge a Comunicação Facilitada. Esta técnica, ainda muito pouco explorada no Brasil, consente a comunicação para aqueles que têm dificuldades, sendo um recurso que possibilita iniciar, sustentar e ampliar uma situação dialógica e que de forma complementar, considera as inabilidades de atenção compartilhada, de direcionamento do olhar e a falta de intencionalidade características do transtorno. A técnica abrange um facilitador que coloca a sua mão sobre a mão do sujeito, braço ou pulso, que é conduzida ao teclado do computador ou a um tabuleiro com letras, palavras e imagens. Assim, o sujeito se comunicará através do contato da sua mão com a do facilitador, encaminhando assim, a letra, palavra ou imagem. (ALBUQUERQUE, 2014)

Estudos sobre a terapia da Comunicação Facilitada iniciaram-se em 1992 na Austrália, por Rosemary Crossley. Atualmente, as pesquisas no centro de comunicação facilitada nos EUA, na Universidade de Syracuse, permeiam o projeto Facilitated Communication Institute, que é um instituto de pesquisa que treina facilitadores para lidar com crianças com dificuldades de comunicação, especialmente os autistas (CROSSLEY, 1994).

O objetivo imediato da Comunicação Facilitada seria o de promover escolhas e a possibilidade de comunicação. E é importante que o facilitador faça a leitura do que é escrito pelo estudante no ato da digitação para que este assimile constantemente as palavras aos sons, sendo assim uma forma de estimular a audição e futuramente a possibilidade de fala desse estudante. Na medida em que há um desenvolvimento da habilidade e da autoconfiança do estudante, a quantidade de apoio físico tende a ser reduzida até que ocorra, se possível, o uso do comunicador de maneira autônoma.

2.3 Transdisciplinaridade e complexidade na Educação:

Em uma das mais recentes obras acerca da transdisciplinaridade na literatura brasileira, no livro *Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos*, Moraes (2015, p. 85) pontua que:

O cerne da transdisciplinaridade está na relação sujeito/objeto, segundo Nicolescu em palestra proferida em San José da Costa Rica, em fevereiro de 2010. Está na relação do sujeito, dotado de diferentes níveis de percepção, que explora um objeto do conhecimento, por sua vez, constituído de diferentes níveis de realidade ou de materialidade. Dessa forma, temos um sujeito multidimensional que, por sua vez, tenta conhecer e explorar uma realidade também constituída por múltiplas dimensões e pelas interações entre elas. As relações sujeito/objeto, ser/realidade, são

de natureza complexa, ou seja, interdependentes, tecidas em conjunto.

Sob tal conjuntura, a transdisciplinaridade implicaria uma nova fenomenologia complexa do conhecimento humano. Apontando que tanto o conhecimento como a aprendizagem sugerem a existência de processos interdependentes, constituídos por uma organização funcional em rede, envolvendo aspectos interativos e dialógicos, assim como socioafetivos, culturais, ambientais e históricos. A transdisciplinaridade seria fruto de uma complexidade estrutural e constitutiva da realidade, agrupando diferentes níveis fenomenológicos e revelando que toda a identificação de um sistema complexo está sempre inacabado e em processo de transformação.

E no que se refere, especificamente, ao conceito de complexidade aqui considerado é possível dizer a partir de Morin (1990, apud MORAES, 2015, p. 44):

Podemos dizer que a complexidade significa, para Edgar Morin (1990), essa tessitura comum que coloca como inseparavelmente associados o indivíduo e o contexto, a ordem e a desordem, o sujeito e o objeto, o professor e o aluno e todos os demais tecidos que regem os acontecimentos, as ações e as interações organizacionais que tecem a trama da vida.

Dessa forma, a complexidade seria então, um tecido comum, o pano de fundo que rege os acontecimentos, as ações e as interações dos fenômenos. Revelando a incompletude dos processos, do conhecimento, e do ser humano. É sob essa ótica que percebemos como somos, simultaneamente, seres físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, e que todos esses fatores influenciam na atividade humana. E sob tal conjuntura, nos leva a reflexão que não devemos olhar para fenômenos complexos como o processo educativo, com princípios simplificadores e reducionistas, se fazendo necessário, por parte dos educadores, uma saída dos limites disciplinares, e o reconhecimento da incerteza, do diálogo, da complexidade e transdisciplinaridade das estruturas, possibilitando a compreensão da multidimensionalidade constitutiva da realidade, e do ensino e do estudante.

No que se refere à ideia de sujeito multidimensional, Humberto Maturana (2000, p. 99) pontua:

Vivemos vidas diferentes, temos diferentes emoções, e assim nossas habilidades, nossas visões, são expandidas ou restringidas e nossa possibilidade de comportamento inteligente varia de acordo com o que somos, com os medos que temos, com nossas paixões, com nossas ambições.

E completa:

Nós, seres humanos, somos multidimensionais Não somos uma coisa apenas; somos muitas coisas, somos todas as coisas, na verdade. Enfatizamos uma coisa ou a outra, de acordo com nossas circunstâncias de vida. (MATURANA, 2000, p.108)

A efervescência do discurso acerca da transdisciplinaridade na educação surge com as discussões sobre uma possível falência de um paradigma moderno de ciência, da visão de sujeito e conhecimento, e, nesse contexto, especialização e dicotomização no meio científico, na vida e nas relações humanas, estariam, pois, adoecendo nossa sociedade como um todo, e, principalmente, nossos sistemas educacionais, de maneira que a disciplinaridade não seria mais o suficiente para superar questões. Dessa forma, de acordo com Moraes (2015), percebe-se a existência de uma patologia na escola, de uma cultura que exclui o sujeito e não reconhece a complexidade nos processos de ensino aprendizagem e nas relações humanas. Uma situação que fragmenta o ser humano negando suas emoções, sentimentos e afetos. O sistema educacional exclui, assim, a subjetividade humana, dando prioridade aos conteúdos e não reconhecendo a completude dos seres aprendentes.

Em contrapartida, o ponto de vista transdisciplinar permitiria considerar uma realidade multidimensional e de sujeitos multidimensionais, estruturadas em diversos níveis, substituindo, assim, a realidade do pensamento clássico. E sob tais circunstâncias, Nicolescu (2000, p. 140-141) afirma que:

A abordagem transdisciplinar pode dar uma contribuição importante para o advento de um novo tipo de educação. Aprender a conhecer significa ser capaz de estabelecer pontes entre os diferentes saberes, entre esses saberes e seus significados para a nossa vida cotidiana, entre esses saberes e significados e nossas capacidades interiores. (...) A abordagem transdisciplinar está baseada no equilíbrio entre a pessoa exterior e a pessoa interior. Sem esse equilíbrio, “fazer” não significa nada mais que “se submeter”. Uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes.

Nesse contexto, faz-se necessária uma política de educação e uma prática pedagógica de natureza complexa e transdisciplinar. Requer-se inovação nas propostas educacionais que possibilitem o sujeito aprendente a superar e transformar as condições materiais de sua existência, e, além disso, uma educação que transforme as condições psicológicas, cognitivas e afetivas do ser. Fala-se de uma pedagogia social, política e ecológica, de uma ecopedagogia, na qual tanto a ecologia natural e social exterior como a pessoal e interior, sejam cuidadas, se materializando assim, a pedagogia do cuidado, ternura, e sensibilidade. Em suma, percebe-se que falar de uma cultura transdisciplinar na educação é impossível, sem antes pensar em tipos de educação que considerem todas as dimensões do ser humano.

3. Metodologia:

Este estudo consistiu em um relato de uma experiência revisitado à luz de um conjunto de materiais bibliográficos específicos acerca da transdisciplinaridade. Sendo assim, para a produção do presente trabalho foram recuperados relatos escritos

produzidos por uma das autoras durante a experiência de acompanhamento, como professora de um estudante autista, com 17 anos e não oralizado, durante o período de setembro de 2015 a dezembro de 2016. Sobre essa experiência foram revisitadas memórias de vivências e conversas com a família e demais profissionais que atuavam junto ao jovem, em seguida, foi feito um apanhado bibliográfico de modo eletrônico e manual visando fundamentações teóricas acerca do autismo, comunicação facilitada e Transdisciplinaridade.

No que diz respeito à experiência de acompanhamento do estudante, a observação e participação no contexto residencial ocorreu durante uma média de 2 a 2 horas e meia por dia, em três vezes por semana. Durante dois meses iniciais, a partir de setembro de 2015, a pesquisadora apenas observou a rotina do jovem com seu então professor particular, enquanto era orientada, paralelamente, pela família do estudante, sobre como deveria atuar e também, em como trabalhar com o mesmo a partir da utilização da técnica de Comunicação Facilitada. A partir de novembro de 2015 a pesquisadora passou a atuar efetivamente como professora particular do jovem das matérias de *ciências humanas* sendo responsável não só pelo ensino e revisão das temáticas abordadas em sala de aula, como pela realização das atividades e testes propostos pelo colégio. Em alguns poucos casos, essa realização de atividades ocorreram no próprio colégio, proporcionando a autora, a observação da dinâmica escolar do estudante.

4. Resultados:

4.1 Relatando o caso:

No que se refere à situação escolar do estudante, este, no início da experiência, em setembro de 2015, era aluno regular do nono ano do Ensino Fundamental II com 17 anos, e ao final da experiência, em dezembro de 2016, aos 18 anos, concluíra o primeiro ano do Ensino Médio. A escola na qual o jovem estudava era considerada referência na Educação Inclusiva no Estado, além de ser um ambiente voltado para a classe média e classe média alta da Região Metropolitana do Recife.

A partir de relatos orais dos familiares ou professores do estudante observou-se que a rotina do mesmo na escola era bastante semelhante dos demais colegas de sala. Ele chegava à escola no mesmo horário dos demais, assistia às aulas, participava de atividades em classe e se comunicava com os professores. Contudo, existiam especificidades. No caso do estudante, um professor auxiliar o acompanhava diariamente em todas as atividades escolares. Na verdade, ele contava com dois professores itinerantes contratados pela família, um responsável pelo acompanhamento das aulas das matérias de

ciências humanas e outro das matérias de *ciências exatas* e língua estrangeira.

Em relação a dinâmica na sala de aula, o estudante contava com a liberdade e compreensão dos professores no que tange a necessidade constante de se levantar de sua cadeira ou para se locomover pelo próprio ambiente da sala, ou se retirar por um tempo para então voltar a sua posição inicial. Na realização das atividades o mesmo necessitava do auxílio do professor contratado, a partir da mediação da técnica da Comunicação Facilitada, e por meio da utilização de um *tablet*, tanto para realizar as atividades propostas, como para se comunicar com colegas de classe e o professor. Entretanto, em diversas situações, era solicitada a sua participação na aula pelo professor da matéria, de forma a responder questões e tirar dúvidas. Em relação ao processo avaliativo, os testes eram adaptados quanto ao tamanho da fonte, a organização e distribuição de questões, ao tempo disponibilizado para a conclusão, e, muitas vezes, ao espaço, que quando necessário, se alterava para outro ambiente dentro da escola, ou, muitas vezes, era dada a opção da realização em casa.

No que tange a relação do sujeito com a técnica em questão, sabemos que o estudante, chegou à atual escola em 2009, transferido para a alfabetização, e segundo relato da família, a trajetória escolar dele era de constantes repetências. Antes da inserção da técnica em questão, tentaram-se algumas metodologias e recursos educacionais para a apropriação da linguagem escrita. As tentativas não foram bem sucedidas e o aluno não dava sinais de que identificava os símbolos, que sabia ler ou escrever, ou que tinha aprendido algo durante sua estadia na escola.

A família, a partir de algumas pesquisas na área, tomou conhecimento de um método de comunicação diferenciado e foi, em Setembro de 2010, ao Institute on Communication and Inclusion at Syracuse University, em Siracuse, Nova York. No local, eles aprenderam e foram treinados para a utilização do método da Comunicação Facilitada. Não só os pais, com o intuito de aprenderem a serem facilitadores, como o jovem, a se habituar à técnica e avaliar se era possível o sucesso de sua execução nesse caso específico. Ao retornarem ao Brasil, a família compartilhou seus aprendizados com a escola.

A partir do ano letivo de 2011, a escola decide fazer uma tentativa com a nova metodologia sugerida, e desde então, o método vem sendo utilizado com o aluno para comunicação, realização de atividades em classe, e no processo avaliativo. Contudo, no início da utilização da técnica no ambiente escolar, algumas alterações necessárias foram feitas no ato das avaliações. Neste sentido, as alternativas de respostas eram mais simples e diretas, no começo apenas o “sim”, “em dúvida” e “não”, e em seguida, a

utilização de múltiplas escolhas de “a, b, c, d, e”. O estudante passou então a, finalmente, demonstrar que era alfabetizado, sabia não só ler, como compreender o que era ensinado. Em seguida, a partir de um novo treinamento de Comunicação Facilitada nos Estados Unidos, o estudante passa a usar um teclado como mediador da técnica. Dessa forma, ele iniciava a digitação de respostas objetivas, saindo do uso restrito das múltiplas escolhas, e depois passando também a digitar respostas subjetivas.

Em relação aos estudos em contexto residencial, o processo de ensino e aprendizagem exigia que os professores particulares formulassem suas dinâmicas de aula de acordo com as especificidades do estudante. Além de estratégias diversas de ensino, de avaliação, de inserção de atividades lúdicas, da atenção à questão dos rituais do aluno, destacando-se principalmente, a importância no processo de fatores ligados à paciência, sensibilidade, compreensão, flexibilidade, afetividade, cuidado, reconhecimento constante das conquistas do estudante, e, acima de tudo, respeito. Foi preciso compreender e saber diferenciar que o comportamento do estudante de uma forma ou outra específica, poderia ser fruto de questões biológicas, de alimentação, de medicamentos, ou por alguma situação alheia ao contexto daquele momento, ou, até mesmo, ter a sensibilidade de avaliar possíveis dinâmicas do próprio professor que não agradasse. Um trabalho constante de olhar para si, de praticar a autocrítica, e de olhar para o outro, em um exercício de empatia constante.

4.2 Discussão dos resultados: a comunicação facilitada à luz da Transdisciplinaridade:

De acordo com os dados coletados tanto pela observação empírica como por conhecimento da história prévia do estudante em questão, podemos observar que o jovem, antes da inserção do recurso de comunicação alternativa em sua vida, apresentava uma vivência escolar bastante complicada. Primeiramente, por não existir uma maneira pela qual ele conseguisse demonstrar compreensão dos assuntos abordados em sala, e também por seu comportamento de grande agitação e dispersão, potencializado, provavelmente, pela ansiedade em não conseguir se comunicar nem para demonstrar seus entendimentos e dúvidas, nem para se expressar de uma forma geral, quanto aos seus desejos e emoções.

Durante a trajetória do estudante na escola desde a introdução da Comunicação Facilitada, até os dias atuais, são percebidas demonstrações de imensas evoluções no seu comportamento, desenvolvimento escolar e principalmente na expressão do seu pensamento. Ou seja, a técnica propiciou uma quebra de barreiras no que se refere às duas principais características do espectro autista que são o comprometimento na

interação social e na comunicação. A partir da técnica, o jovem pode interagir com seus familiares, seus colegas de escola e seus professores. Pode também expressar seus desejos e seus anseios por meio da digitação, amenizando a frustração característica causada pela ausência da fala. E, sobretudo, teve a chance de demonstrar o seu raciocínio e ter mais autonomia em seu processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, apesar do importantíssimo papel da técnica no processo educativo do estudante, atribuímos seu sucesso escolar também à sensibilidade, flexibilidade, atenção e o respeito na conduta da família, da escola, dos seus professores particulares e de toda a equipe multidisciplinar que o acompanha. E em relação ao que foi exposto, pode-se fazer um paralelo com as análises feitas sobre a abordagem transdisciplinar em que se fala que antes de se pensar em uma nova proposta de educação de caráter integral do sujeito:

Será preciso curar o interior do sujeito aprendente, aprender a olhar mais atentamente para o que ocorre dentro de cada um. (...) Será preciso também instrumentalizá-lo melhor, para que se conheça e se reconheça em suas experiências de vida, em sua inteireza e plenitude, para que se compreenda como fruto de sua realidade e do contexto onde vive. (MORAES, 2000, p.32)

Sob esse viés, poderíamos pensar na inserção da técnica de comunicação na vida do sujeito como um instrumento transdisciplinar, pois, na experiência vivida, percebe-se o quanto que, a partir disso, foi possível instrumentalizá-lo para uma mudança completa na sua dinâmica de vida, de relação com as pessoas, e de processos educacionais. Apesar de todos os entraves biológicos ocasionados pelo espectro autista, por meio da Comunicação Facilitada, o estudante teve seu contexto de vida significativamente alterado de forma positiva. No contexto escolar, passa a demonstrar que possui competências cognitivas adequadas a sua idade cronológica, tendo também a possibilidade de demonstrar suas particularidades, como sua excepcional memória auditiva e visual, seu rápido raciocínio lógico, sua criatividade e sensibilidade na escrita subjetiva, entre outros. E no contexto de vida pessoal, passa a se mostrar mais confiante na medida em que se faz conhecer, e em que é respeitado. E todo esse pano de fundo, acaba por influenciar significativamente a sua relação com o ambiente expressa pela interação e comportamento.

Sobre isso, Maturana (2000, p. 83) afirma:

A congruência dinâmica entre a estrutura dos sistemas vivos e suas circunstâncias é o resultado de uma história de mudanças estruturais coerentes dos sistemas vivos e do meio no qual eles existem. (...) Assim, há um sistema vivo e um meio: o sistema vivo e o meio mudam juntos, coerentemente, sem nenhum esforço.

Nesse sentido, podemos dizer que o estudante se transformou e transformou o meio no qual estava inserido. Por meio, refere-se não só aos espaços, como as pessoas que os rodeiam. A partir da análise da experiência, vemos que o jovem

transformou a dinâmica não só da sua família, como da escola e dos profissionais de ensino, e os professores particulares responsáveis pelo andamento do seu processo educativo.

E no que tange a dinâmica pensada para a educação desse estudante, concordamos e reiteramos a fala de Moraes (2015, p.22), ao pontuar que:

É preciso pensar em novas estratégias educativas que não estejam apenas preocupadas em desenvolver a aprendizagem dos fatos e eventos externos ao indivíduo, mas que também promovam o autoconhecimento, o reconhecimento do outro, o desenvolvimento da sensibilidade, da escuta-sensível e da auto-estima.

Sob tal conjuntura, podemos afirmar que o que se destaca, principalmente, na análise dessa experiência, é que, o olhar multidimensional para o sujeito em questão se faz presente em todas as esferas de seu processo de ensino e aprendizagem tanto no contexto escolar como no residencial. Fica evidente a abordagem transdisciplinar no que se refere ao olhar para o estudante como um ser biológico, social, cultural, histórico e espiritual. E, além disso, evidencia-se o papel fundamental da sensibilidade e da empatia no processo, na medida em que há muita atenção, flexibilidade, apoio e incentivo nos contextos nos quais o estudante está inserido. É pela ótica da multidimensionalidade e da complexidade da realidade e do sujeito, que se apresenta uma abordagem educativa que, de fato, olha para esse estudante, o respeita, e atende suas necessidades, além de incentivá-lo para além do que era considerável possível.

5. Considerações Finais:

A partir das teorias trabalhadas, da experiência relatada, e das análises feitas, pretendeu-se fazer paralelos do processo educativo de um estudante autista e não oralizado à luz de uma abordagem bibliográfica acerca da transdisciplinaridade. Destaca-se, primeiramente, que existe uma complexidade da situação desde a condição do jovem autista, por suas questões biológicas e sintomatológicas, entretanto, podemos dizer, a partir do exposto, que essa complexidade é inerente à condição humana. A partir da ideia de sujeito multidimensional, trouxemos a importância de um olhar para a inteireza do ser, que no caso de pessoas com o diagnóstico de autismo, esse olhar deva ser ainda mais cuidadoso e respeitoso.

Em meio a tantas discussões sobre estruturas e metodologias na educação na contemporaneidade, e, principalmente, das questões acerca da inclusão escolar de estudantes com deficiência, trazemos esse exemplo, considerado como bem sucedido, a fim de demonstrar que o primeiro passo para se pensar em novas propostas educacionais que funcionem, principalmente no contexto da educação inclusiva, é a mudança do olhar, da abordagem e da atitude para com os sujeitos. Para uma prática

pedagógica transdisciplinar, enfatizamos a importância do olhar multidimensional para a realidade e para o sujeito, e uma atitude que considere a complexidade das relações, da existência humana, da construção do conhecimento, e da educação como um todo.

Em suma, no relato apresentado, foi possível perceber a integração entre todas as esferas que circundavam o estudante para que houvesse um sucesso no seu desenvolvimento escolar, social e pessoal. Dessa maneira, concluímos que apenas com uma transformação nas abordagens, com a troca de saberes, e com o empenho conjunto da família, da escola, e dos demais profissionais envolvidos nos processos, é possível educar para a inclusão, autonomia, para o respeito a si próprio e para a liberdade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carlos Lucena de. ; CARVALHO, Maria Gicélia de.; MORAIS, Aristeu.; ORSATI, Fernanda. **Incluindo o aluno com autismo na classe regular: uma experiência bem sucedida com o método da comunicação facilitada.** In: Revista Brasileira de Tradução Visual. Vol. 10, n 10, 2012.

ALBUQUERQUE, Rosângela Nieto de. **Neuropedagogia e psicopatologias: conhecendo o cérebro e entendendo a aprendizagem.** Recife: Tarcísio Pereira Editor, 2014.

BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção.** – Porto Alegre: Artmed, 2002.

CROSSLEY, Rosemary. **Facilitated communication training.** Nova Iorque, 1994.

MATURANA, Humberto. Transdisciplinaridade e Cognição. In: SOMMERMAN, A.; MELLO, MF. de e BARROS, V.M. de (orgs.) **Educação e transdisciplinaridade I.** Brasília: Unesco, 2000.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos.** Campinas, SP: Papirus, 2015.

NICOLESCU, B. Um novo tipo de conhecimento: Transdisciplinaridade. In: SOMMERMAN, A.; MELLO, MF. de e BARROS, V.M. de (orgs.) **Educação e transdisciplinaridade I.** Brasília: Unesco, 2000.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** 3 ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves de. (Orgs). **Transtornos do Espectro do Autismo.** São Paulo: Memnon, 2011.

TUCHMAN, Roberto; RAPIN, Isabelle. **Autismo: abordagem neurobiológica.** Porto Alegre: Artmed, 2009.